

Arte em Comunidade: questão de Identidades

José Carlos de Paiva
i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Dizem que ninguém vai a dormir a caminho do cadafalso.

VILA-MATAS, Enrique (2004). Kassel no invista a la lógica. Kassel não convida à lógica, Teodolito, Lisboa. pp 97

Participar no 'Encontro de Artes, Saberes e Culturas dos Sertões', realizado em finais de julho de 2018, no Ceará, constituiu para mim um privilégio, por me permitir participar num evento profundamente enraizado nos saberes locais e, simultaneamente, me aproximar de companheiros de caminhadas culturais que se não cansam de contrapor aos discursos hegemónicos uma outra possibilidade de prática e de entendimento deste tempo, complexo e desafiante.

Agradecido pelo convite que me foi dirigido e pela hospitalidade, não deixarei no entanto de tentar carregar as palavras, que formulei e que agora traduzo para a forma escrita, de intenção perturbadora, numa tentativa de não dizer o óbvio e de não aceitar o inócuo.

Parto de um ponto de clarificação, apresentando-me como um ser cansado e desiludido perante um tempo e um mundo que frustrou as suas próprias luzes, cavalgando sem nenhum pudor para a ampliação da desigualdade e da discriminação. A consciência que transporto de uma angústia persistente pela injustiça e autoritarismo político ostentados por um poder hegemónico que sustenta o domínio global do capital financeiro sobre nossas vidas, não atenua a minha inscrição na luta, o optimismo resiliente de afirmar a consistência de uma prática desalinhada, desobediente, agonística e democrática.

Naturalmente não sou um ser isento, sou construído neste mundo e permeado pelo amontoado dos tempos que nos compõem a todos, pelas memórias do realizado e vivido, pelos sonhos e pelas desilusões. Sou, inevitavelmente, o corpo de uma conflictualidade latente entre a ideia e a sua realização, sou a incompletude que apenas me permite trazer para aqui uma conversa em voz alta, sem nunca afirmar o que escrevo. Então, sem nada para vender, sem procurar ocupar nenhum palco, me apresento na fragilidade do que sou, na impossibilidade de discernimento perante a esquizofrenia dos dias, arriscando revelar a minha própria confusão, apresentando meus questionamentos nus. Recuso, assim o conforto que sustenta meus dias, incomodado com o modo como a sedução exercida me penetra, me distraíndo da denúncia persistente e da luta, na arte, na educação artística, na investigação, na vida.

*A minha vida é o mar o abril a rua
O meu interior é uma atenção voltada para fora
O meu viver escuta
A frase que de coisa em coisa silabada
Grava no espaço e no tempo a sua escrita*
Poema. Sophia de Mello Breyner Andresen

Para participar no 'Encontro' voei sobre esse 'mar que nos une', de abril, pleno de tantas memórias e história não lavável, como um ser que denuncia o colonialismo e as novas formas camufladas de este se continuar a exercer, e que viaja para ouVER, na procura da partilha de experiências diferenciadas que permitam me completar, entender que há mundo para além do Ocidente, que há possibilidades que me escapam, e que ainda há a esperança do SUL.

Nas escolas que habito/habitei, resultantes de uma sincronia com os desígnios do poder que a história europeia regista, reconheço a sua utilização disciplinadora e formadora de seres que se governem, na sombra dos desígnios que a cultura hegemónica propicia e impõem, para reproduzir o existente e não permitir incomodidades desejadas por outras possibilidades de construção do comum. As pressões neoliberais cimentam a missão impressa na perseguição do utilitarismo reinante, que determina os currículos escolares, que burocratiza os modelos organizativos e funcionais, que tolhe a criatividade e a autonomia com restrições orçamentais improdutivas. A violência exercida sobre a educação pública, em detrimento de uma escola que privilegie ainda mais as elites sociais, corresponde a uma demanda declarada de desresponsabilização política pela criação de condições favoráveis à ascensão social de todos, a favor da ampliação de bolsas de desqualificação que alimentem baixos salários e a desigualdade de oportunidades.

O professor, enquadrado no sistema de ensino, está submerso numa herança educativa e cultural que resulta de sua própria história, que impulsiona processos de escolarização perpetuados, onde o professor ensina e o aluno aprende através de uma desigualdade de papeis absolutamente controlada. Colocar em causa o exercício de autoridade do professor e a sua postura arrogante de detenção de saber é inevitável se se pretender evitar servir a propaganda do pensamento hegemónico e permitir renovar o relacionamento do professor com o cidadão, que não precisa de se escolarizar como aluno para ampliar as suas aprendizagens e se construir como sujeito.

Não se esqueçam as armadilhas e as pressões que são exercidas para congelar o diferente e impedir a 'desobediência'. Assuma-se a coragem de remar contra a maré, deixando a cada um a possibilidade de se entenderem as pressões colonizadoras, para que cada um construa o modo como se governa.

Yo creo que necesitamos recuperar un cierto sentido de la contextualización política de la autonomía artística y su transgresión, cierto sentido de la dialéctica histórica de la disciplinariedad crítica y su contestación, para intentar de nuevo proveer a la cultura de un margen de maniobra.
FOSTER, Hal (2002). Design and Crime (and others diatribes), Diseño y Delito, Ediciones Akal (2004). pp xiv

A arte, não pode continuar a ser entendida nas escolas senão como uma peça fundamental na construção da sociedade em que vivemos e não tem existência num terreno autónomo e puro. A arte promove códigos culturais que são fundamentais na determinação das distinções de classe, na criação de desejos, na configuração dos valores de aspiração social, geradora de exclusões e profundas distinções. Considero assim, que tratar a arte nas práticas de educação artística, na dimensão da aura que os contextos artísticos e da cultura dominante disseminam, é transportar para o contexto escolar as 'narrativas de génio', de 'salvação da humanidade', da 'criatividade interior', a criação de 'momentos de felicidade terapêutica', é alimentar o universo de discriminação e desigualdade existente, é tornar inacessível a aprendizagem sensível do fazer artístico, e a percepção crítica da complexidade da arte.

Perante o modo como a cultura hegemónica de expandiu e se entranhou em cada um de nós, no modo como relegou para um plano desvalorizado a cultura de resistência identitária e dissonante, com dificuldade ganharemos percepção do modo como as ilusões governam cada um de nós, do modo como nos deixamos seduzir pelos insignificantes estrelados que nos consentem e nos oferecem, pelo êxito frágil que a valorização do nosso esforço de trabalho nos confunde perante a sua ineficácia.

Compreende-se pelo desenrolar da escrita, o modo desesperançado e angustiado como procuro identificar as 'doces cenouras' que se nos oferecem para esquecer a nossa capacidade radical de enfrentar a esquizofrenia dos tempos, quer tendo elas a forma de cargos e de títulos, quer pelo exercício do poder, desde que para alimentar o existente ou simular reformas atenuadoras.

O problema que se coloca aos ocidentais não é o de uma alternativa, mas o da alteridade que perdemos e que estão prestes a perder todos quantos nos copiam.
BAUDRILLARD, Jean (1997), Le Paroxyste Indifférent. O Paroxista Indiferente, Edições 70, Lisboa (1998). pp 56

Onde estão as palavras mobilizadoras que guiavam os sonhos comuns, que anunciavam um amanhã sorridente, uma paz duradoura e a felicidade na mão de cada um? Haverá ainda eco das vozes gritadas de 'liberdade, igualdade e fraternidade' e de outras esperanças? Tantas mudanças agrestes operadas entre o século XIX e o presente, tanta esperança destruída, tanta ilusão apagada, tanto fracasso. Holocausto, Guerra directas e exportadas, Hiroxshima, Desalojados, Refugiados, Desesperados sem conta e sem nome,...

A partir deste desconforto que me adentra, de uma incomodidade com a injustiça espalhada, de um repúdio pelo espaço de desigualdades e de discriminação, é que denuncio os feitos deste mundo onde me inscrevo, como sendo de fracasso, declarando que este mundo em que vivemos está distorcido e que carece de ser *desarrumado*. Num esforço de desarrumo, reconhecendo a fragilidade do que sou, o modo como esse mundo desesperançado se entranha em mim, lidando com essa ambivalência, tento anular os impulsos para me aquietar fazendo apenas o que faço, dizendo apenas o que digo, nos limites do que sei. Reconheço que assumo no quotidiano a força que o poder que me é socialmente conferido me permite, desviado do esforço de sua suspensão, na procura de me apresentar apenas com a minha fragilidade e preparado para ouvir, para ver, o que se me apresenta, em particular quando deslocado do conforto que ocupo, considerando a pertença a um comum, a proximidade e a cumplicidade com a fragilidade e os oprimidos e a usurpação indevida dos territórios.

Procuro espaços e tempos de partilha, busca de cumplicidade com os insatisfeitos com o 'rumo do mundo', com os que preferem o uso da crítica agonística e da ação desobediente como modo de instauração de uma democracia radical, criadora de uma outra hegemonia em nome dos mais desfavorecidos. Nessa procura reservo uma atenção particular aos movimentos que construíram outra história, tão silenciada, que persistem em lutas diferenciadas, de luta contra o colonialismo, contra o fascismo e o imperialismo, contra o neoliberalismo e todas as novas formas do capitalismo, contra o racismo e a discriminação, seja do que for. Busco suprir a minha incompletude, nesses abraços camaradas, melhor me compreender, aprender a dizer o que deveria dizer, dar corpo inteiro ao meu corpo.

Devo lembrar-me a todo o instante que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na

existência.

FANON, Frantz (1952). *Peu noire, masques blancs. Pele Negra, Máscaras Brancas*, Terra Livre, Lisboa, 2017. pp 227

No terreno da pesquisa, no Porto (Portugal) criámos um 'movimento', que denominámos de ID_CAI - IDENTIDADES_movimento de acção/investigação. Nele, professores, investigadores, artistas, estudantes, desenvolvemos no nosso 'colectivo de acção/investigação' um movimento de deslocação de nós próprios, abandonando os espaços de conforto, do saber académico ocidental, para latitudes do Sul político, onde se experienciam outros modos de viver o educativo e de integrar a arte e a educação artística no devir comum.

Somos retirantes de nós. Cerca de vinte anos de idas-e-vindas por Portugal, a Moçambique, a Cabo Verde, ao Brasil. No Nordeste do Brasil, tivemos a felicidade de encontrar uma Comunidade Quilombola, em Conceição das Crioulas - Salgueiro-PE, que nos propicia um entranhar nas suas lutas, nas suas escolas, nas suas vidas. A aprendizagem que se liberta da Cumplicidade estabelecida, depois de com os anos termos estabelecido entre nós plena Confiança, na partilha do Conhecimento construído, não será reproduzido nunca em nenhuma Tese ou Dissertação, por se entranhar em cada um dos participantes, e só a partir daí permitir a cada um trilhar o seu caminho, incorporar nas suas pesquisas o reconhecimento pela vitalidade do fazer diferenciado daquela comunidade.

Nos aproximamos por esta comunidade, com apenas cerca de quatro mil moradores, do que são as cerca de seis mil comunidades quilombolas no Brasil, em luta pela restituição de suas terras, usurpadas por fazendeiros, coronéis e políticos sem escrúpulos, mobilizados pela sua dignidade identitária.

Nós fomos meio que formulando um currículo quando ainda sequer existia escola. É como se a gente fosse fazendo o currículo da escola que ainda não existia. Quando a escola passa a existir em 95, aí sim tivemos a oportunidade de implementar aquela discussão que nós vínhamos fazendo fora, nós levamos pra dentro da escola. Então tudo aquilo que a gente discutia de que a escola devia ter uma relação com o território, ela devia buscar, absorver as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar à época, ela devia ter mecanismos pra contar a história da comunidade, ela devia ter uma proposta de currículo que pudesse fortalecer a identidade, e aí fizemos gincanas, fizemos várias atividades no sentido de fazer dois movimentos. Um, resgatar a história da comunidade e contar pra aqueles que nunca tinham ouvido em lugar nenhum, e ao mesmo tempo fortalecer esse pertencimento das pessoas ao território.

Givânia Maria da Silva, 2016

Nas escolas de Conceição das Crioulas, as práticas naturalizadas e gastas de educação artística não se desenvolvem, contrariadas por decisões corajosas, que o Projecto Político Pedagógico aprovado por toda a comunidade legítima na expressão da sua Educação Quilombola Diferenciada, e que soltam experiências abertas que não se vinculam a conteúdos de aprendizagem fechados, mas se integram no devir da comunidade e que alimentam as lutas, pela restituição da terra, pela dignidade quilombola, pela auto estima.

As professoras da comunidade têm a coragem de 'desarrumar' as indicações oficiais e organizar no seu 'modo de ser' as práticas educativas e o entrosamento das escolas no devir comum.

O que tento dizer, nesta escrita, é minha pertença a um mundo que está às avessas, muito pela insuficiência de nossa ação crítica perante o colosso sistema financeiro globalizado e o conjunto de dispositivos de poder criados, que nos seduzem para campos de aprisionamento que nos toldam a acção, e nos amordaçam a vontade de desobediência. Só entendendo a nossa incompletude, abalando a nossa consciência conformada, poderemos, nessa fragilidade, encontrar o discernimento necessário para abalar as águas mornas e em apodrecimento e revitalizar a esperança num devir comum. Temos de ouvir os sem-palavra, escutar os sem-nome, olhar os nus, encarar a fragilidade e ouvir, sem receio de olhar o fracasso que nos envolve.

Entendo que a vida de conforto que se vive, em grande parte se apoia em simulacros de felicidade e num esconde-esconde dos problemas existentes para um aparente usufruto do bem-estar, de partilha de sorrisos e procura de aplausos, que apenas perturba a procura de mudança e apenas reproduz a quietude que nos adormece. O que se pode encontrar em comunidades vivas, atentos aos seus interesses latentes, à sua história de resistência e resiliência, à sua arte, luta, sabores e saberes, ativa em nós o alerta perante nosso próprio adormecimento. Pode este tempo de encruzilhadas seu um tempo de conhecimento aberto, que revele as nossas capacidades de desobediência ao que contraria nossa consciência e ao que se esconde em nossa preguiça.

As palavras mais enganosas são evidentemente as mais usadas:.

RANCIÈRE, Jacques (1992). *Lea Noms de l'histoire: essai de poétique du sovar. Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. editora UNESP, Rio e Janeiro, 2014. pp 51

Mas teremos sempre de ter a atenção devida para não querer perturbar as comunidades com nossas aparentes

sabedorias e, pelo inverso, ir aprender o que desaprendemos ou nunca soubemos, entender que a submissão aos interesses hegemónicos tem de ser contrariada com uma desobediência radical, com ações agonísticas, comuns, em cumplicidade com os sofredores.

Nessa aprendizagem, sinto-me agradecido à Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, às Escolas dos Saberes deste Sertão Nordestino que me acolhe, ao povo de Lagedos e do Planalto Norte (em Cabo Verde), aos habitantes de Hulene e Matalana (em Moçambique), em Mértola, Tondela, Amareleja e Tabuaço (em Portugal), aos camaradas de vida e de investigação.

agosto de 2018,
José Carlos de Paiva
i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto